



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

LAGINHA: COMUNIDADE NEGRA DE HERANÇA QUILOMBOLA

Célio Augusto de Oliveira⁶²
(UESB)

RESUMO

Segundo estimativas, cerca de 15 milhões de homens e mulheres africanos vieram escravizados para as Américas, marcando economicamente e culturalmente o mundo moderno. Desse total, perto de 40% vieram para o Brasil, juntando-se à mão-de-obra escrava indígena. Rapidamente inicia-se o crescimento comercial e a expansão territorial do Brasil, ao mesmo tempo que as resistências tornaram-se lutas contra o Sistema Escravista. O quilombo, como formação de grupos de escravos e ex-escravos refugiados, foi uma das formas típica de resistência e de sobrevivência. No Brasil, onde houve escravidão houve resistência. O aquilombamento foi a forma pela qual o escravo fugido ou não encontrava abrigo e meio de sobreviver, onde a liberdade era um sonho a ser conquistada. Desde o início da escravidão brasileira os colonizadores não levaram em conta a diversidade étnica africana e sua complexidade cultural. Com imensa gama de conhecimentos e experiências em todas as áreas, como também o forte e marcante apego às tradições religiosas, o africano resistiu o quanto pode à escravidão. A religião afro-brasileira constituiu talvez a maior expressão de resistência da consciência negra. Considerando que a escravidão e a resistência se fizeram presentes em todo país, muitas comunidades remanescentes ainda estão por serem estudadas, a exemplo de “Laginha”, comunidade em processo de reconhecimento como remanescente de quilombo, junto à Fundação Palmares, no município de Piripá, localizado no Sudoeste baiano. Este artigo tem por objetivo pesquisar as características, manifestações e elementos étnico-culturais da comunidade de “Laginha”, entre os anos 1950 e 2006, que apontam no grupo a reminiscência quilombola. A importância da oralidade foi fundamental para reconstruir o passado, no sentido de manter viva a luta e a esperança por liberdade, constituindo assim, a voz do passado, presente o tempo todo - nas danças, na capoeira, nos rituais, nas comidas, nas conversas, etc. Para realizarmos o processo de reconhecimento de comunidades remanescentes de quilombo, faz-se necessário realizar um conjunto de pesquisas que desvele a história da comunidade, que revele seus traços culturais mais genuínos, e para isso é imprescindível o resgate da memória da população. Esta população é concretamente discriminada nos mercados de serviços, produtos e fatores, bem como no acesso aos serviços públicos assistenciais e de uso coletivo. Mesmo encontrando

⁶² Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Orientadora: Prof^ª. doutoranda Grazielle Novato. E-mail: celioaugusto@ig.com.br



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

resistências em setores do pensamento liberal e neoliberal, a luta dos quilombolas tem sido constante para que haja à dignidade e reconhecimento pelos setores do Estado, e pelo conjunto das instituições públicas e privadas. Portanto, verificando os elementos étnico-culturais da comunidade de Laginha que apontam o grupo como remanescente de quilombo, a partir deste artigo, as lideranças poderão trabalhar para que a comunidade melhore a sua auto-estima e reconheça seus valores, para que seus filhos possam continuar existindo, como fizeram seus antepassados.

INTRODUÇÃO

“Segundo estimativas, cerca de 15 milhões de homens e mulheres africanos vieram escravizados para a América, marcando economicamente e culturalmente o mundo moderno. Desse total, perto de 40% vieram para o Brasil, juntando-se à mão-de-obra escrava indígena. A escravidão penetrou cada um dos aspectos da vida brasileira”. (REIS, 1996, p. 9).

Rapidamente, com a mão-de-obra escrava, inicia-se o crescimento comercial e a expansão territorial do Brasil, ao mesmo tempo em que as resistências tornaram-se lutas contra esse sistema. O quilombo, como formação de grupos de escravos fugidos, foi uma das formas mais típicas de resistência. No Brasil, onde houve escravidão, houve resistência e o aquilombamento era a forma pela qual o escravo fugido encontrava abrigo e liberdade. Segundo J. J. Reis, “esses grupos eram chamados principalmente quilombos e mocambos e seus membros, quilombolas, calhambolas ou mocambeiros”. (REIS, 1996, p.10).

Por terem se constituído em comunidades relativamente independentes, após a abolição brasileira de 1888, esses quilombos puderam ser estudados a partir de dentro, inclusive por fontes orais, a memória ainda viva de seus descendentes.

Passado esse processo, pouco se questionou sobre a situação dessa parcela da população que trouxe consigo as dores de gerações que foram seqüestradas,



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

humilhadas, exploradas e flageladas. Somada a essas dores, as marcas da exclusão que impediu seu desenvolvimento intelectual, político e econômico; não nos esquecendo da carga de preconceitos e discriminações que não foi alforriada, permanecendo presa ao sentimento da nação, mesmo após tantos anos de uma “libertação” que mais limitou que emancipou.

A partir do material disponível, até agora, sobre quilombos no Brasil, várias conclusões parecem-nos possíveis acerca da influência negra na trajetória política, social, religiosa e cultural. Esta dinâmica de “insubordinação” dos escravos nas fazendas, as ambigüidades das relações dos quilombos com as cidades e a ambigüidade religiosa, marcaram a debilidade da classe senhorial brasileira, na tentativa de controle.

Foi particularmente o negro escravizado que influenciou na organização econômica e social brasileira. “O negro não teve no Brasil proteção de ninguém.

Verdadeiro “pária” social, nenhum gesto se esboçou em seu favor”. (PRADO JUNIOR, 1980, p. 284). Ainda hoje continuam existindo comunidades excluídas de direitos, aquém de toda trajetória de desenvolvimento social ou globalização de direitos.

Por conta das mazelas por que passa a maioria da população negra, têm sido feitas inúmeras pesquisas em comunidades⁶³ rurais e urbanas por todo Brasil, revelando que muitas delas surgiram a partir de agrupamentos de escravos e ex-escravos refugiados, agrupamentos também considerados áreas de quilombo, que comumente, denominamos, Comunidades Remanescentes de Quilombos. Muitas vezes, locais de difícil acesso, com carências materiais de toda ordem e pessoas excluídas dos direitos básicos que dão ao indivíduo o caráter de cidadão.

Por esses e outro motivos, foi difícil manter íntegra a cultura negra e utilizar, preferencialmente, suas técnicas em relação ao novo meio. “Não foi

⁶³ O termo “Comunidade”, neste texto, refere-se à povoações localizadas em áreas distantes das cidades e vilas.



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

possível aos negros revelarem e aplicarem todo o seu conjunto cultural”. (PRADO JUNIOR, 1980, p. 285). Como escravos, tiveram a sua cultura violada e discriminada pelo colonizador. Foi uma luta constante para preservar os elementos essenciais da cultura como forma de resistência e preservação da vida.

A cultura negra e o sincretismo das práticas religiosas de procedência africana, danças como os congos, quilombos, coco, jongo etc., vocábulos incorporados à linguagem comum do português do Brasil, além de modos e formas de expressão e dizer, são elementos que põem em relevo a influência do negro, sobretudo, na vida familiar brasileira. Como mucama ou ama-de-leite, a mulher negra, tratou e alimentou os filhos dos seus senhores.

A Bahia, Estado de maior presença afrodescendente (70% da população), denuncia o intenso sistema escravista que durou mais de três séculos. Esse Estado também foi palco de lutas e resistências contra esse sistema. Os quilombos, além de serem comunidades alternativas e sustentáveis, foram concretos símbolos de luta por liberdade como, por exemplo, a Revolta dos Malês, a Balaiada, a luta da Independência da Bahia e tantas outras revoltas refletidas por todas as províncias, obrigando os governadores e fazendeiros a reforçarem a segurança contra uma insurgência em nível nacional.

Passado todo esse tempo, a população negra tem sido discriminada nos mercados de serviços e produtos, bem como no acesso aos serviços públicos assistenciais e de uso coletivo. Mesmo encontrando resistências em setores do pensamento liberal e neoliberal, a luta dos quilombolas tem sido constante pelo acesso à dignidade e reconhecimento, pelos setores do Estado e pelo conjunto das instituições públicas e privadas.

Nos últimos anos, a questão dos quilombos no Brasil vem ocupando importantes espaços de debate, reflexão e elaboração de políticas públicas. A busca pelo reconhecimento destas comunidades tem um sentido intelectual de pesquisa



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

e registro histórico, a fim de promover o resgate da cidadania com a garantia de direitos que lhes foram historicamente negados.

Para realizarmos o processo de reconhecimento de comunidades remanescentes de quilombo, faz-se necessário realizar um conjunto de pesquisas que desvele a história da comunidade, que revele seus traços culturais mais genuínos, e, para isso, é imprescindível o resgate da memória da população.

O município de Pripá, localizado no Sudoeste baiano, com uma população de, aproximadamente, 19 mil habitantes, sendo a maioria composta de habitantes da zona rural, testemunha esse processo. O projeto “Laginha – Comunidade Negra de Herança Quilombola” tem, por objetivo, pesquisar as características culturais da presença negra escravizada nessa comunidade, que se diferencia das demais comunidades piripaense.

Diante dessas considerações, o que nos interessa como elemento para o presente trabalho é o método de pesquisa utilizado para adentrar na história desta comunidade. Os meios usados para reconstruir a história a partir de uma ancestralidade que se manifesta através de costumes e tradições que é pouco compreendida e valorizada. Por meio deste minucioso trabalho, é possível perceber o valor da memória coletiva e individual, sobretudo, o seu fortalecimento pela identidade e preservação.

No Brasil, desde o início, os colonizadores não levaram em conta a diversidade africana e sua complexidade cultural. No entanto, foram os milenares conhecimentos do universo da cultura africana, trazidos na bagagem, que possibilitaram a fixação do colonizador português, como também o seu progresso, na exploração das riquezas da terra brasileira. Foi essa base tecnológica, primeiro indígena, depois africana, a base da colonização.

Arrancados da África como escravos, esses povos tiveram que se incorporar ao universo da cultura indígena, e, juntos, formaram este mosaico, chamado hoje



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

de cultura brasileira. Darcy Ribeiro em sua obra, fazendo referência antropológica aos afro-brasileiros, afirma que

no início, a contribuição cultural do negro foi pouco relevante na formação brasileira. Aliciado para incrementar a produção açucareira, comporia o contingente fundamental da mão-de-obra. Apesar do seu papel como agente cultural ter sido mais passivo que ativo, o negro teve uma importância crucial, tanto por sua presença como massa trabalhadora que produziu quase tudo que aqui se fez, como por sua introdução sorrateira, mas tenaz e continuada, que remarcou o amálgama racial e cultural brasileiro com suas cores mais fortes. (RIBEIRO, 2000, p. 114).

Com imensa gama de conhecimentos e experiências em todas as áreas, como também o forte e marcante apego às tradições religiosas, o africano resistiu o quanto pôde à escravidão. A religião afro-brasileira constituiu talvez a maior expressão de resistência da consciência negra. As práticas religiosas ajudaram os negros a suportar melhor as ameaças desse mundo a que estavam submetidos. São valores espirituais, manifestados nas danças dos orixás ao som dos atabaques que os negros recriaram a África no Brasil. O continente africano passou a ser o lugar da transcendência, lugar que retornaria quando morresse, ou seja, o lugar da ancestralidade, lugar dos orixás. Neste entendimento, o negro não morre, retorna para o ventre da mãe África e, de lá, junto aos ancestrais e aos orixás, emanam o axé para seus irmãos que sofrem enquanto escravizados. Por isso a religião afro-brasileira está mais diretamente relacionada com a África.

A importância da oralidade foi fundamental para reconstruir o passado, no sentido de manter viva a luta e a esperança por liberdade, constituindo assim, a voz do passado, presente o tempo todo - nas danças, na capoeira, nos rituais, nas comidas, nas conversas, etc. Mesmo porque, o que tinham aprendido na África, agora aqui na nova terra, tinha que ser passado, para garantir a sobrevivência do



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

grupo e da religião, construindo aqui, na diáspora, uma nova história, uma “reafricanização”. (BERKENBROCK, 1998, p.119).

“A consciência não está jamais fechada sobre si mesma, nem vazia, nem solitária. Somos arrastados em múltiplas direções, como se a lembrança fosse um ponto de referência que nos permite situar em meio a variações contínuas dos quadros sociais e da experiência coletiva histórica”. (HALBWACHS, 1990, p. 14).

Foi neste clima de constante tensão que a memória sobre a África como retorno ao ventre materno tornou-se “mito”. A lembrança, como o próprio Halbwachs diz, “é como a fronteira e o limite. A lembrança não é a explicitação de uma essência ou uma realidade fenomenal, mas a compreensão de uma relação diferencial”.

Neste trabalho, a pesquisa de história oral ganha fundamental importância, porque constata o testemunho de pessoas que viveram de alguma forma a experiência de seus antepassados – pais, avós, parentes e muitos outros da comunidade. Estas pessoas, antes consideradas menos importantes, ganham agora, importância fundamental no trabalho científico de história oral. A história oral, ao contrário, torna possível um julgamento muito mais imparcial: as testemunhas podem, agora, ser convocadas também de entre as classes subalternas, os desprivilegiados e os derrotados. Isso propicia uma reconstrução mais realista e mais imparcial do passado, uma constatação ao relato tido como verdadeiro. “Ao fazê-lo, a história oral tem um compromisso radical em favor da mensagem social da história como um todo”. (THOMPSON, 1992, p. 26). Sem esse trabalho, descobre-se pouca coisa ou quase nada, quer sobre os contatos comuns da família, das tradições, das comidas, das peças de cerâmica até mesmo de palavras ou frases comuns de uma comunidade distante, garantindo assim, a identidade da comunidade.

Outros estudos, como a antropologia, a sociologia e a estatística ajudam na composição racial dos estados, bem como, no número de remanescentes de



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

quilombos existentes. “Especificamente, apresentam as probabilidades dos que se consideram brancos, pardos, negros; as condições sociais que vivem, assim como o grau de escolaridade e os contrastes entre homens e mulheres”. (TELLES, 2003, p. 122). Esses dados são importantes, pois vão além das descobertas passadas, ao mostrar as desigualdades a que foi submetida a população negra. Como exemplo mais comum, temos a ideologia da democracia racial, clara no “racismo à brasileira”. Por esses estudos científicos se tornam falsas, essa e outras interpretações.

Além disso, a discussão que envolve a ciência histórica hoje, nos parâmetros da modernidade, demonstra a importância que esta continua tendo no contexto das ciências humanas. Sua importância no processo de cientificação, mesmo havendo fortes contradições, tem sido um desafio aos historiadores.

Por fim, este projeto torna-se viável pela situação de pesquisa, sobretudo o trabalho de história oral, pela natureza da proposta do tema, ao se aproximar mais das fontes de pesquisa, pela disposição e o potencial que são essas fontes, constituindo um verdadeiro empreendimento. Desse modo, pretendemos estabelecer um diálogo ativo entre a história dessas comunidades quilombolas, cumprindo o papel social na sua difusão para outros lugares.

Cada comunidade cria em sua práxis seus significados, símbolos e instrumentos; seus imaginários e limites de identidade e diferença que lhes são características. As vozes vivas dos homens do presente são importantes expressões da tradição e da história de uma comunidade. “Toda história depende, basicamente, de sua finalidade social. Por isso é que, no passado, ela se transmitia de uma geração a outra pela tradição oral e depois pela crônica escrita [...]”. (THOMPSON, 2002, p. 20). São estas expressões que preservaram o espírito da comunidade e assim puderam resistir sob o domínio das forças do conquistador.

Para compreender, recriar, apreender criticamente determinado presente, o método da História Oral é bastante eficaz. “Por meio da história, as pessoas



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

comuns procuram compreender as revoluções e mudanças por que passam em suas próprias vidas [...]”. (THOMPSON, 2002, p. 21). Trata-se de uma possibilidade de diálogo, reconstrução e imaginação de realidades, experiências e vidas.

No dizer de Thompson, “a história oral pode certamente, ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história”. (THOMPSON, 2002, p. 22). A vivência dialógica promove um mergulho nessas contradições, realidades e ficções. Para além de uma conversação que somente reconhece e aponta objetos, deve-se permitir a valorização do indivíduo e a exaltação da experiência como resultado da vida. E como diz Fentress: “A memória, com efeito, penetra em todos os aspectos da nossa vida mental, dos mais abstratos e cognitivos aos mais físicos e inconscientes. A memória está sempre presente no nosso espírito”. (FENTRESS, p. 17). Por isso ela é capaz de perpassar por gerações servindo de contentor dos fatos.

Levando em consideração a Psicologia e a Sociologia, Alistair Tomson diz que, “a história de vida, em resumo, se encontra apoiada em duas disciplinas, a psicologia e a sociologia. No primeiro caso, serão procuradas no informante as marcas de seu grupo étnico, de sua camada social, se sua sociedade global. No segundo caso, são buscadas as particularidades que singularizam o indivíduo, delineia-se o caminho seguido na formação de sua personalidade”. (TOMSON, 1981, p. 36). Como se vê, estas disciplinas ajudam no cruzamento de informações, cuja função é o entendimento das análises, constituindo ferramenta valiosa para a intensificação dos estudos, cada vez mais aprofundados. As informações das ciências sociais reforçam a necessidade de apoio como instrumental assertivo que há nas técnicas metodológicas. Durkheim acrescenta que, “o objetivo é estender ao comportamento humano o racionalismo científico, mostrando que, se analisarmos no passado, ele é redutível à relação de causa e efeito”. (DURKHEIM, 2004, p. 13).

Por esse comportamento científico, a historiografia oral ganha mais importância, mesmo ganhando algumas divergências no meio acadêmico, que não



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

aceitam estes apoios como sendo também necessários ao estudo da historiografia oral, gerando, por vezes, a idéia de conservadores e progressistas no campo da história.

Vale lembrar alguns expoentes que deram início aos estudos da cultura afro no Brasil, especificamente no campo da Antropologia. “Estudando a mitologia e cosmovisão nagôs, Edson Carneiro modifica as apresentações de Nina Rodrigues e Artur Ramos. Por sua vez, Edson Carneiro é atualizado e, por vezes, completado ou corrigido por Pierre Verger ou por Juana Elbein dos Santos”, que é explanado um a um, por Raimundo Cintra (CINTRA, 1985, p. 38). Segundo ele, continua o desafio apresentado pelos cultos afro-brasileiros, face às inúmeras interpretações que é dado ao sincretismo dos cultos de origem africana.

A História Oral não tem fim em si mesma, mas é voltada para consciência e vida dos homens envolvidos nesse presente como processo dialético. O seu método deve subordinar-se à criatividade do oralista, não substituir os passos livres por construções prévias e abstratas. O oralista não aplica método, ele o cria na dialogicidade viva entre a reflexão e a realidade, entre as falas e o silêncio, entre imagens e desejos.

Como bem lembra Werber ao analisar os conceitos sociológicos fundamentais, “o importante no caso da Sociologia é compreender interpretativamente a ação social e assim explica-la causalmente em seu curso e em seus efeitos”. (WERBER, 2004, p. 3). Por esse motivo, a História Oral é um fato social, ainda mais em se tratando de comunidades remanescentes de quilombos, quando desempenham um papel social e histórico no estudo do negro no Brasil.

“As maneiras de pensar, de agir e de sentir, dotados de um poder imperativo e coercitivo, próprios [...]. Os que os constituem são as crenças, as tendências, as práticas do grupo tomado coletivamente [...]”. (DURKHEIM, 2004, p. 34, 35) e, em se tratando de comunidades quilombolas, as ciências sociais contribuem, de modo expressivo e aprofundado, o conhecimento sobre as



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

Comunidades Remanescentes de Quilombos, enriquecendo ainda mais a nossa historiografia.

Para a realização da pesquisa estão sendo feitas entrevistas, filmagens e registros fotográficos do cotidiano das pessoas, de suas expressões culturais, de suas memórias e lembranças, de suas falas e de considerações acerca de si e dos “outros”.⁶⁴

Mas ainda é preciso estudar o que é cultura nas comunidades negras e suas manifestações; estudar as manifestações culturais, hoje, na comunidade de Laginha, em processo de reconhecimento, junto à Fundação Palmares como remanescente de quilombo no município de Piripá – BA; observar a atuação, as práticas culturais da comunidade e o elo que a une aos seus antepassados; identificar e estudar os resultados obtidos com esse trabalho de reconhecimento na comunidade de Laginha, se eles comprovam a viabilidade metodológica exigida pelo processo de reconhecimento, enquanto comunidade quilombola; analisar como a herança cultural é importante, recuperando a auto-estima e reconstruindo a cidadania, proporcionando, acima de tudo, desenvolvimento social-econômico; estudar as possíveis alterações sociais e econômicas, no processo de luta e reconhecimento da cidadania pela comunidade, no espaço onde as mudanças estão se processando, neste ano de 2006; identificar como se dá o processo de reconhecimento nas áreas de remanescentes de quilombo. O que se pretende concretamente é verificar os elementos étnico-culturais da comunidade de Laginha, entre os anos 1950 e 2006, que apontam o grupo como remanescente de quilombo.

⁶⁴ A metodologia de utilizar a cultura para investigar a origem de uma comunidade, seus ancestrais e sua história, esta sendo utilizada também pelo programa “Brasil Quilombola”, do Governo Federal que pretende reparar os danos e prejuízos materiais e espirituais sofridos por estas comunidades, que foram mantidas distanciadas e invisibilizadas ao longo da nossa história.



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

REFERÊNCIAS

- ABREU, Regina de; CHAGAS, M. **Memória de patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2003.
- BERKENBROCK, Volney J. **A Experiência dos orixás: um estudo sobre a experiência religiosa no candomblé**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CALDAS, Alberto Lins. **Oralidade, texto e história**. São Paulo: Loyola, 1999.
- CARDOSO, F. H., IANNI, O. (Orgs.). **Homem e sociedade: Leituras básicas de sociologia geral**. São Paulo: Nacional, 1968.
- CINTRA, Raimundo. **Candomblé e umbanda: o desafio brasileiro**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.
- DIEGUES JÚNIOR, Manuel. **Etnias e cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.
- DIEHL, Astor Antônio. **Cultura historiográfica: memória, identidade e representação**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- DURKHEIM, Emile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- FENTRESS, James e WICKHAM, Chris. **Memória social: novas perspectivas sobre o passado**. Lisboa. Teorema, 1994.
- FREIRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. São Paulo: Record, 1992.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1996.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Melhoramentos, 1998.
- MUHLHAUS, Carla. Para além da pedra e do cal. **Revista Nossa História**. Rio de Janeiro, nov. 2004.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade Social. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Vol. 05, nº. 10, 1992.
- PRADO JUNIOR, Caio. **História econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- REIS, José Carlos. **Annales: A renovação da história**. Ouro Preto: UFOP, 1996.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro – A formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- TELLES, Edward. **Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica**. São Paulo. Relume Dumará, 2003.



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

THOMPSON, Paul. **A Voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMSON, Alistair. **Recompondo a memória**: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. São Paulo: EDUC, 1981.

WERBER, Max. Economia e sociedade. São Paulo: UnB, 2004, vol. 1.

OUTRAS FONTES:

- Decreto 3.551/2000 – Programa Nacional do Patrimônio Imaterial.
- Convenção sobre a Proteção do Patrimônio Mundial Cultural e Natural – UNESCO/ 1972.
- Recomendação sobre a salvaguarda da cultura tradicional e popular – UNESCO/ 1989.
- Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural – UNESCO / 2001.
- Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, 2003.
- Artigo 27 da Declaração dos Direitos Humanos.